

FOLHA DO PROFESSOR

Ano 20/número 85/Octubre de 79 Publicação Mensal Órgão do Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro

PROFESSORES.PRESENTE!



Professores disseram presente nas comemorações da sua semana. Dançaram, jogaram futebol. Comeram angu e foram ao teatro. Mas, fundamentalmente, debateram seus problemas. Discutiram o ensino pago. Repensaram a História e as nossas carências. Foram às ruas. Reiteraram a luta pela anistia geral e a volta imediata dos professores cassados. Na Cidade de Deus, uma comemoração diferente. O principal da semana do professor está nas páginas centrais.

E ainda mais:

AJUDE O SINDICATO.

Pág. 2

MONREVI APELA.

Pág. 3

DEMISSÕES CONTINUAM.

Pág. 4

O QUADRO NEGRO.

Pág. 5

DISCUTINDO PAULO FREIRE.

Pág. 8

REFORMA SALARIAL E CLT.

Pág. 9

SINDICALISTAS VOLTARAM.

Pág. 10

E A UNE TAMBÉM.

Pág. 11

MARIANO FALADA MERENDA ESCOLAR NA ÚLTIMA PÁGINA



CONTRIBUIR COM 10% É FAZER O SINDICATO FORTE

Ricardo Coelho

Este ano cresceram muito as despesas do sindicato. Não é para menos. Gastos imensos foram efetuados com as greves do SENAI, do 1º e 2º graus e do ensino superior; a ampliação acelerada do quadro de associados e a crescente procura do sindicato, exigiram aumento do número de funcionários e dos gastos administrativos. Logicamente, as atividades culturais, recreativas etc. significam despesas.

E isto é apenas o começo. Para melhorarmos o atendimento aos nossos associados, para ampliarmos os benefícios e atividades e para construirmos uma sólida base material para nossas lutas precisamos de recursos.

Para se ter uma idéia: só com as publicações do sindicato (cartas abertas, editais, jornal, etc.) durante a greve de abril se gastou Cr\$ 608.505,52; nossa folha de pagamento fixa mensal é de Cr\$ 163.542,66.

Alguns poderão pensar: bem, os gastos já são cobertos com o dinheiro arrecadado com o imposto sindical (chamado eufemisticamente de "contribuição" sindical)

Puro engano. Para começar, o Governo abocanha 20 por cento da receita e ninguém sabe como ele a utiliza; ao mesmo tempo, outros 20 por cento são para nossa federação (Federação Interestadual de Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino). Os 60 por cento restantes? Sobre

eles cai o peso da CLT. Só podem ser utilizados no assistencialismo ou em atividades recreativas.

Assim, a utilização da renda proveniente do imposto sindical fica totalmente prejudicada.

Portanto, numerosos gastos do Sindicato têm que ser efetuados com recursos que obtemos com a contribuição voluntária do professorado. Mas pouco avançamos neste campo. A nossa conta referente a "rendas próprias" tem decrescido muito e hoje contamos com apenas Cr\$ 540.080,26 de saldo.

Se pretendemos de fato romper o atrelamento ao Ministério do Trabalho é fundamental que, desde agora, nos comprometamos a sustentar o sindicato com a nossa contribuição, independentemente do imposto sindical.

Dai a importância de contribuímos, com 10 por cento sobre o aumento recém-efetuado, como decidimos na última Assembléia geral. São 10 por cento sobre a diferença entre nossos salários em março e o salário atual.

Este dinheiro, a ser descontado nas escolas, será parte fundamental das "rendas próprias", podendo ser utilizado pelo sindicato fora dos estreitos marcos da CLT.

Devemos sustentar o sindicato com nossa contribuição voluntária. Mostremos que não dependemos do imposto sindical compulsório. Organizemos uma campanha para esclarecer os colegas.

MARIANO



A CAMPANHA SALARIAL DE 79

Após algumas reuniões com o Sindicato Patronal chegou-se, finalmente, à solução jurídica do problema, com o consequente apressamento da efetivação dos 12% de aumento conseguido pelo nosso Sindicato, com vigência por um ano, a partir de 01 de abril de 1979.

O novo requerimento entregue ao TST tem a seguinte redação: PROCESSO TST-DC-RIO Nº 570/79.

Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro, tendo celebrado Convenção Coletiva de Trabalho com o Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino de 1º e 2º graus do Município do Rio de Janeiro, vem, com a concordância do Sindicato suscitado, em relação a este,

desistir do processo de Dissídio Coletivo em referência, requerendo a homologação da desistência. Rio, 04 e outubro de 1979.

O requerimento está assinado pelos Presidentes e Advogados dos respectivos Sindicatos.

Quando ao texto original do acordo, publicado no último número da FOLHA DO PROFESSOR foram mantidas todas as cláusulas acordadas, modificando-se apenas a redação da DECIMA SEGUNDA, que ficou assim redigida: "No pagamento dos vencimentos correspondentes ao mês de setembro, os estabelecimentos de ensino descontinuarão do salário de todos os professores que o autorizarem, por escrito, a impor-

tância de 10% (dez por cento) do aumento obtido, resultante de aplicação do presente acordo, em favor do Sindicato da categoria profissional."

Finalmente, por imposição legal, acrescentou-se ao acordo inicial a seguinte cláusula:

DECIMA QUINTA — O Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro desistirá, por petição, com concordância do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino de 1º e 2º graus do Município do Rio de Janeiro, do Dissídio Coletivo TRT-DC-65/79 (TST-RO-DC Nº 570/79). A presente Convenção Coletiva só produzirá seus efeitos com a homologação da desistência pelo Tribunal Superior do Trabalho.

DOCENTES DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO JACOBINA

Em assembléia realizada a 16 de julho próximo passado, os professores da Faculdade de Educação Jacobina decidiram fundar a sua associação de docentes. (ADJAC)

Os Profs. Sérgio Guerra Duarte e Paulo Saturnino Alves da Silva foram eleitos, respectivamente, Presidente e Vice-Presidente da ADJAC.

"LER" DA DESCONTO

O Sindicato e a Livraria Ler — Livrarias Editoras Reunidas Ltda. — estabeleceram convênio beneficiando os associados com descontos de 20% sobre o preço de livros estrangeiros e 15%, sobre o de livros nacionais. Para ter direito a esses descontos, basta apresentar a carteira de sócio na Rua México, 31 — sobreloja.

PLACAR DE SINDICALIZAÇÃO

Professores que se sindicalizaram:

2º semestre de 1978	732
1º semestre de 1979	1356
julho/79	104
agosto/79	72
setembro/79	99

FORTALEÇA SEU SINDICATO SINDICALIZE-SE

EXPEDIENTE DO SINDICATO

Diretoria
de segunda a sexta-feira
das 13 às 19 horas.

Secretaria
de segunda a sexta-feira
das 9 às 18 horas

Tesouraria
de segunda a sexta-feira
das 10 às 18 horas

ASSISTÊNCIA
JURÍDICA
Homologação de rescisão de contrato de trabalho

segunda, quarta e
sexta-feira, das
14 às 17 horas.

TRABALHISTA

Dr. Fernando: segunda-feira, de 15 às 17h; sexta-feira, de 16:30h às 18h.

Dr. Leopoldina: segunda, terça e quarta-feira, de 16:30 às 18h.

Dr. Alice: quarta-feira, de 15 às 17h; quinta-feira, de 16:30 às 17h; sexta-feira, das 10 às 12h.

SERVIÇO DENTÁRIO
Dr. Jair
segunda a sexta-feira, das 10 às 14 horas na sede do Sindicato

OBSERVAÇÃO:
As mensalidades foram corrigidas a partir do mês de julho. Passando o trimestre de Cr\$ 81,00 para Cr\$ 135,00.

FOLHA DO PROFESSOR Ano 20 Nº 85 Outubro 1979

Órgão oficial do Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro

Sede própria — Rua Pedro Lessa, 35/2º andar — CEP 20.030 — Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 224-7466

Diretor Responsável
Waldyr Duarte

Comissão de Imprensa e Divulgação

Ana Maria Szapiro, Ana Morena, Gustavo Krause, Jorge Luiz de Souza e Silva, José Muniz Navegantes, Luiz Edmundo Aguiar, Milton Reinaldo Flores de Freitas, Orlando Guilhon, Ronaldo Reis.

Arte e Diagramação
Laerte Fernandes

Jornalista responsável
Heliete Vaisman

A Diretoria não se responsabiliza pelos artigos assinados

A Folha do Professor está aberta à colaboração dos companheiros. Todavia, o acúmulo de matérias pode obrigar a Comissão de Imprensa e Divulgação a selecionar aquelas que, a seu critério, forem julgadas de maior interesse para a categoria.

Composto e Impreso na Gráfica Editora Jornal do Comércio — Rua do Livramento, 189 — Tel.: 223-2613 — Rio de Janeiro.

Uma produção LIDE Editorial e Serviços Jornalísticos, Ltda. Rua Senador Soares, 18, Vila Isabel. CEP 20.541. Tel.: 208-5686. Rio de Janeiro, RJ.

A Violência das Demissões-II

GUSTAVO KRAUSE

"Com as nossas armas de educadores e pensadores, basicamente a palavra e a verdade, acompanhadas de ações coerentes com elas (como, por exemplo, não aceitar ocupar lugar de professores demitidos por ato arbitrário), devemos fazer frente à violência para interromper o seu ciclo. Se

assim não fizermos por medo de sermos talvez nós os demitidos, estaremos nos rendendo. E a rendição nos enfraquece como pessoas e como profissionais, tornando mais viável outras violências, ao bel-prazer dos que se fantasiavam de educadores." (FOLHA DO PROFESSOR nº 82, P. 7).

O Departamento Jurídico do Sindicato nos apresentou o quadro comparativo a respeito das homologações das rescisões de contratos de trabalho feitas na sua sede, nos períodos de janeiro a agosto de 1978 e de 1979. (Ver tabela)

Ao analisarmos o quadro, não devemos considerá-lo absoluto. Aí se representam não todas as demissões ocorridas no município, mas sim as homologações das rescisões que passaram pelo Sindicato. No entanto, dentro desse campo de observação que se nos oferece, temos a possibilidade de comparar e de refletir acerca da diferença demonstrada.

O medo foi muito invocado para explicar a lentidão de nossa luta

Se no período de janeiro a março ocorre ligeiro aumento dessas homologações, de um ano para o outro, já no período de abril a agosto há expressiva diminuição de um ano para o outro — menos 199, exatamente. E o resultado final nos demonstra uma redução de 174 homologações, de 1978 para 1979.

O medo — este atributo bem natural da gente — foi um dos empecilhos mais invocados para explicar o atraso ou a lentidão do movimento nosso de reivindicação. Medo

principalmente das demissões, da violência que as acompanha: perder o emprego quase equivale a perder a identidade profissional (quase, porque a maioria dos professores tem bem mais de um emprego só). Ora, o quadro acima pode servir para demonstrar como o movimento coletivo de uma categoria que começa a se unir não é o principal responsável pelas demissões ocorridas — ou melhor, pode até ser o responsável pela redução das demissões, se percebermos que elas começaram a diminuir a partir de abril de 1979, ou seja, a partir da deflagração da greve do 1º e do 2º graus.

OBJEÇÕES

Naturalmente, podem-se fazer algumas objeções pertinentes. A primeira, que as homologações feitas no Sindicato talvez não reflitam o real quadro das demissões no município. A segunda, que a maioria das demissões da zona rural, principalmente Campo Grande, Santa Cruz e adjacências, não passe pela sede do Sindicato; e que elas aumentaram, a partir da greve.

Quanto à primeira, eu responderia que temos, através do quadro, um parâmetro reduzido da situação real. Parâmetro este que se pode tornar bem mais expressivo e representativo, se lembrarmos que a atual Diretoria foi eleita em 1978 com 600 associados, e que há hoje cerca de 4000 sindicalizados. E professor sindicalizado tende a procurar

principalmente a sua entidade, para receber o apoio jurídico a que tem direito. A grande diferença, então, entre o número de associados de 1978 e de 1979 — cerca de 3400 professores — pode refletir também um grande aumento de procura do Sindicato pelos professores demitidos. Havendo esse aumento de procura, correspondente a um quadro estatístico que demonstra redução das homologações,

para os professores; de se encontrarem, discutirem e se organizarem. Se não se organizarem em bloco, permite-se a fácil identificação daqueles mais conscientizados, em palavra e atitude. E, portanto, fácil demissão.

Melhor dizendo: não é o movimento coletivo de uma categoria que provoca as demissões, porque elas são o cutelo permanente do patrão, o seu instrumento de arbi-

trariedade e a prepotência alguns poucos.

O MOVIMENTO

Toda esta avaliação não pretende ocultar o fato de que o movimento não está especialmente bem. No momento de serem redigidas estas linhas, não receberam um tostão do acordo, do acordo possível mas nada satisfatório. Depois que entramos em negociações, pelo sofisma da legalidade, perdemos boa parte da direção do nosso destino, entregando-o à "Lei Encaramos nós a "Lei" com um ente abstrato, alheio ao jogo de forças, "puro", "justo", sem perceber sua verdadeira dimensão de classe. Um "Lei" que autoriza o repasse

QUADRO DAS DEMISSÕES

MESES	1978	1979
Janeiro a Março	603	628
Abril a Agosto	753	554
TOTAL	1.356	1.182

talvez o quadro possa ser muito mais representativo da força de um movimento da categoria — talvez, objetivamente, haja muito menos demissões do que no ano passado e do que o quadro possa nos fazer ver.

Quanto à segunda objeção, ela está baseada no testemunho das pessoas que batalharam por aquelas áreas, já que não há possibilidades agora de se fazer um levantamento estatístico. Acreditarmos nele, os argumentos anteriores também reforçam. A zona rural primou, durante a greve, pela violência escalada de repressão aos piquetes, contando com o veloz e

trariedade, a arma de que lançaram mão sempre que acharem por bem demonstrar força, e sempre que tiverem condições para tal. O movimento coletivo de uma categoria é que tem o poder de segurar (ou não) os companheiros nos seus locais de trabalho. A união de todos relativiza o medo individual, colocando-o dentro de uma perspectiva de vida melhor, em que as pessoas não sofrem sozinhas e tanto os caprichos e a ganância dos poderosos. A união de todos transporta o nosso medo submisso para os gabinetes dos patrões, ameaçados de não mais nos manipularem como máquinas repetidoras de fórmulas e engolidoras de giz.

É verdade que, a par as estatísticas, todos conhecemos casos concretos e nomeados de amigos que perderam seus empregos recentemente, por terem se posicionado com maior firmeza. E, mesmo que as estatísticas atestem a redução das demissões, dói do mesmo jeito. No entanto, dentro da dor é preciso ter claro: talvez tenham perdido seus empregos porque o conjunto — nós — não se posicionara tão firmemente quanto eles. Se lembrarmos que, uma semana após a greve, o colégio Hélio Alonso — Botafogo demitiu quatro de seus professores, os quais foram reconduzidos aos seus cargos graças à greve conjunta de alunos e dos outros professores, veremos então do que é possível a força clara do conjunto sobre a ar-

Sim, o movimento dos professores não está bem. Mas é movimento

para os patrões em 48 horas mas que tem quinhentos meandros burocráticos para que se homologue um acordo direto entre Sindicatos.

Sim, o movimento dos professores não está especialmente bem. Mas pelo menos o movimento. Melhor do que inércia vegetal em que estávamos mergulhados. Pressuposto de um futuro de menos medo, de mais vozes de maior dignidade e de melhor educação.

Se há agora 4000 sindicalizados, é certo que a categoria tem mais de 20.000 professores, do 1º e 2º graus da rede particular do município do Rio de Janeiro. Nosso Sindicato ainda é fraco. Tem como ser forte.

Hoje, nos assustamos com as demissões que vemos. Ontem, não nos assustávamos sequer quando éramos nós os demitidos. Parecia natural sermos desvalorizados, humilhados, desconsiderados. Amanhã, temos de ir para além dos sustos, para além do medo. Temos de agir com sequente, firme, coletivamente a respeito. Se não por nós pelo menos em nome da nossa crença na educação — a que transforma indivíduos em sociedade.

A união de todos relativiza o medo e o transfere para os patrões

prestimoso auxílio da "nossa" polícia, muito prestativa quando se trata de prender professores perigosamente armados das suas palavras e das suas verdades. Houve muita dificuldade para o contato com os professores das escolas, dirigidas por figuras especiais e tristemente folclóricas, como o Luiz Carlos Cruz do Itu, o Nelson do Operon, e o próprio Newton Santiago. Esta dificuldade reflete uma outra ainda maior

LIVRARIA MURO

A Livraria MURO oferece 20% de desconto para livros e demais artigos para professores sindicalizados, mediante apresentação da carteira do Sindicato.

End. Rua Conde de Bonfim, 334 — Sobreloja 203 — Paç. Saens Peña.

Você quer Receber Nosso Jornal Em Casa?



Então mande-nos o seu nome, endereço e profissão.

NOME: _____
 ENDEREÇO: _____
 CEP: _____ ESTADO: _____
 CIDADE: _____
 PROFISSÃO: _____

RELATÓRIO DE DENÚNCIAS

Professores de diversos estabelecimentos de ensino do Rio de Janeiro enviaram ao Departamento Jurídico do Sindicato dos Professores uma série de denúncias sobre irregularidades encontradas nestes estabelecimentos. Neste número da FOLHA continuamos a publicação do relatório de denúncias que prosseguirá nos próximos números.

FUNDAÇÃO TÉCNICO EDUCACIONAL SOUZA MARQUES

Rua Ernani Cardoso, 335 CASCADURA

- Não deposita os salários nas épocas próprias.
- Não assina nem atualiza carteira;
- Não efetua os depósitos na conta vinculada ao FGTS;
- Não faz cadastramento no PIS.

- Não deposita os salários nas épocas próprias;
- Não assina nem atualiza carteira;
- Não efetua os depósitos na conta vinculada ao FGTS;
- Não faz cadastramento no PIS.

COLEGIO N. S. DA PIEDADE

Largo do Encantado

- Não deposita salários nas épocas próprias;

- Não assina nem atualiza carteiras nas épocas próprias.
- Não assina nem atualiza carteira;
- Não efetua os depósitos na conta vinculada ao FGTS;
- Não faz cadastramento no PIS.

COLÉGIO CUNHA MELLO

Rua Dona Januária, 23 SANTA CRUZ

- Não assina carteira.

LICEU DE ARTES E OFÍCIOS

Rua Frederico Silva, 86 CENTRO

- Diminuição de carga horária.

QUADRO NEGRO



Projeto Jari

O Deputado Modesto da Silveira, perante o Simpósio sobre a Amazônia da Câmara federal, informou que esteve em visita ao Projeto Jari dirigindo-se logo após à Sulca para investigar as atividades do Sr. Daniel Ludwig. Obteve importantes documentos que colocou "em lugar seguro". Tais documentos provam, entre outras coisas, que o vice-presidente do grupo, Sr. Francisco Andrade, "mentiu frente ao Congresso Nacional".

Continuando, disse Modesto da Silveira: "Se algo me acontecer, se eu sofrer algum acidente, as coisas continuarão depois de mim". Sem antecipar as provas, prometeu apresentá-las em ocasião oportuna. Denunciou ainda que vastos lagos de resíduos de caulim estão devastando a floresta.

Opiniões do Ministro

O Ministro da Educação, durante sua visita à Universidade Macquarie em São Paulo, afirmou que "o sistema de ensino no Brasil chegou a um impasse salarial tão acentuado que todos os projetos no plano técnico só terão sentido e desenvolvimento adequado se se conseguir sair do impasse". Disse, ainda, o Prof. Eduardo Portela que "a valorização dos professores deve ser feita através da dignificação salarial" mas que, também nesta área, chegou-se a um impasse, voltando a reclamar a necessidade de recursos extra-orçamentários de Cr\$ 2 bilhões, ainda este ano, para o MEC.

Sobre a anistia, disse o Ministro que os anistiados na área do MEC não encontrarão qualquer obstáculo à sua reintegração. Informou que ainda em setembro receberia um estudo do Ministério da Justiça para particular um comportamento uniforme em todo o país sobre a reintegração dos anistiados.

Saudades do AI-5

No último dia 3, em Recife, foi submetido à votação na Assembleia Legislativa um requerimento do deputado do MDB, Assis Pedrosa, solicitando que o general Figueiredo facilitasse a legalização de todas as legendas extintas, inclusive a do PCB.

O deputado Newton Carneiro, também do MDB, manifestou sua desaprovção: "sugiro ao sr. Assis Pedrosa que retire esse requerimento da pauta, para não prejudicar nem a si próprio nem a seus colegas, pois, todos os que votarem a seu favor poderão perder os seus mandatos". Tal ameaça persistiu na cabeça de alguns parlamentares até o momento em que o presidente do Tribunal Regional Eleitoral, desembargador Augusto Duque, encerrasse a polêmica tranquilizando os sete que votaram a favor da legalidade do PCB: "O Tribunal Regional Eleitoral não cassa ninguém, termina sua função no ato de diplomação dos parlamentares... mesmo porque esse tempo de cassações já passou, pois o AI-5 não existe mais."

Democracia Lacerdista

Comentando a designação, pelo atual Governador, de uma Comissão Especial para apreciar os requerimentos dos funcionários punidos por Atos Institucionais e agora anistiados, declarou o Jornal do Brasil de 8/9: "O AI-1, que chegou a ser aplicado pelos governadores, teve em Carlos Lacerda o seu recordista absoluto. O líder udenista do Rio foi o responsável por cerca de 400 das 600 punições de servidores que o governo do novo Estado do Rio terá agora de rever, numa sequência de atos de demissão ou aposentadoria que atingiu, indistintamente, a magistrados, professores, mecânicos, motoristas e trabalhadores braçais".

Um Cavalo de Presente

Num telegrama de Brasília, a Nação foi informada: "O presidente João Figueiredo receberá hoje à tarde, no 1.º Regimento de Cavalaria de Guardas, um cavalo alazão puro-sangue inglês, de seis anos de idade e 1,68m de altura, que lhe foi enviado como presente pelo general Augusto Pinochet, Chefe do Governo do Chile." Comentando a importante notícia, ficamos sabendo ainda que o cavalo, que se encontra há dias no 1.º RCG, é iniciado em saltos e está sendo tratado por pessoal chileno.

Sobral e os Generais

Porto Alegre — "O grande perigo para a nação de um retrocesso político é o fato de o Presidente da República ser um general estar lá sem ter sido levado pelo voto livre e direto, e podendo dispor de um elemento de força, o Exército, para instaurar um novo ato institucional", afirmou o jurista Sobral Pinto, que veio receber uma homenagem da OAB gaúcha por sua atuação profissional.

Para ele, "lugar de general é nos comandos das Forças Armadas e, positivamente, não na Presidência da República. Hoje, os políticos têm condições de reformar a Constituição, instituindo o voto direto em todos os níveis e proibindo os generais de ser Presidentes. E esta é a ocasião de fazerem isso, para se verificar se o propósito dos militares é mesmo restaurar a democracia".

Lula vaiado

Ao falar num ato público em São Paulo, perante cerca de quatro mil bancários grevistas, Lula recebeu uma pequena vaia. Prosseguindo no seu pronunciamento ele afirmou: "Este pessoal que me vaiou estava com sede de vaia e eu sabia que isto ia acontecer mais dia menos dia; o importante é que eles façam isto agora e amanhã se conscientizem de que atitudes impensadas não vão ajudar à classe trabalhadora." Desaconselhou uma passeata porque "se o trabalhador quer fazer greve não necessita de passeata, principalmente do jeito que está a repressão. Eles (referia-se aos jovens da organização Liberdade e Luta — LIBELU) depois de fazerem sua passeata vão dormir numa bela cama enquanto o trabalhador dorme no chão". E continuou: "Existem estudantes conseqüentes e as eleições nas universidades provaram isto, porque a Libelu perdeu em todas elas. Em Porto Alegre, mesmo sem Olívio Dutra, que está preso, a Libelu não conseguiu falar na assembleia dos bancários porque 8 mil trabalhadores os vaiaram sem parar. O trabalhador saberá repudiar quem tenta manipulá-los para seus interesses."

Ano da Criança

Wiesbaden (Alemanha Ocidental) — O cardeal Paulo Evaristo Arnés chamou a atenção dos alemães — numa entrevista pela televisão — para o destino das crianças desaparecidas na América Latina por causas políticas. Arnés denunciou que mais de 100 crianças sumiram após a prisão de seus pais.

"Primeiro não podíamos acreditar nisto — frisou o D. Paulo — mas depois abrimos os olhos; a polícia do Brasil, Argentina, Uruguai, Chile e Paraguai trabalham em colaboração. E a multinacional da repressão. Vivemos vários casos, mesmo no Brasil, que agora parecem totalmente claros: Alguém é detido no Uruguai e seus filhos aparecem numa rua da Argentina ou Chile". (Jornal do Brasil, 19/9).

Mortalidade

Deu no "Informe JB": a cada minuto que passa, uma criança brasileira morre de fome.

Atenção professores de matemática! Exercício para os sobreviventes que estudam nas primeiras séries do 1.º grau: quantas crianças brasileiras morrem de fome por dia? E por mês? E por ano?

Para poupar trabalho aos colegas, aí vão as respostas: 1440 por dia, 43.200 por mês, 518.400 por ano. SÓ DE FOME!

"Abertura" em El Salvador

Depois de 47 anos de poder militar em El Salvador, um novo golpe abalou o país: só que, mais uma vez, as Forças Armadas continuaram no poder. Desta vez, o general Carlos Humberto Romero foi substituído por um grupo de militares jovens que prometem restaurar a ordem constitucional, acabar com a corrupção e estabelecer as bases para uma "democracia real".

Ainda é cedo para saber o que este grupo entende por democracia real. O golpe ocorreu no dia 16, num momento de grande inquietação social. Dias antes da deposição de Romero, um estudante de Medicina foi assassinado por franco-atiradores governistas e observadores afirmavam que El Salvador poderia ser palco de uma insurreição popular semelhante à da vizinha Nicarágua.

Há alguns meses também se afirmou que o general Romero estava sendo pressionado pelos Estados Unidos a promover uma série de reformas capazes de provar ao mundo sua intenção democrática. Aparentemente, porém, Romero não assimilou bem as lições do Departamento de Estado. Dificéis de assimilar, aliás, num país de 4,5 milhões de habitantes em que quase não há classe média e que vive de uma economia agrícola com por cento dependente das multinacionais.

Fome Produz Analfabetos

O Brasil tem 30 milhões de pessoas pobres, e quase a metade delas nem tem certidão de nascimento, a subnutrição é a principal responsável pelos 47% de reprovação na primeira série do 1.º grau, bloqueando o estudo de 8 milhões de crianças: as repetentes e as que passam a ter dificuldades em vagas.

Tais denúncias foram feitas durante o 1.º Encontro de Secretários de Estado da Área Social, encerrado a 14 de setembro em Brasília, pela Presidente da Legião Brasileira de Assistência, Léa Leal. A LBA defendeu a transformação das escolas de 1.º grau em núcleos comunitários básicos, com a instalação de creches durante o dia e de cursos profissionalizantes à noite.

Fora do Sistema

"As estatísticas oficiais do MEC mostram que, no Rio, 464.384 crianças estão fora do sistema escolar, sendo que 367.928 vivem na Região Metropolitana. Pelas informações do IBGE, em 1976 o Rio tinha 939.449 analfabetos maiores de 14 anos". (J. do Brasil, 15/9/79).

NA SEMANA DO PROFESSOR



Em praça pública, os professores exigem melhores condições de trabalho, maiores salários e mostram sua unidade na luta.

O ATO PÚBLICO: NOSSA UNIDADE

"Professores em Luta". A primeira das muitas faixas levadas por representantes do Sindicato do CEP, da UNE e da UEE, resume o que foi o ato público do Dia do Professor: uma demonstração pública da continuidade da nossa luta, da unidade da categoria e do apoio dos estudantes às nossas reivindicações.

Da Cinelândia — onde a primeira a chegar foi a repressão, com dois carros da Polícia Civil e da PM, que se limitou a observar — a caminhada seguiu para a Avenida 13 de Maio, passou pela Rio Branco, Araújo Porto Alegre e parou no pátio do Ministério da Educação. Nas ruas, nas portas dos bancos, nos bares, as pessoas pararam para ouvir a nossa voz. "Cep e Sindicato unidos neste ato"; "Abaixo o ensino pago"; "Professor unido jamais será vencido"; "Abaixo a embromação, dinheiro em nossa mão"; "O Sindicato somos nós, o Sindicato é nossa voz"; "Abaixo a intervenção, o CEP em nossa mão" — foram apenas algumas das palavras de ordem levantadas durante todo o percurso da passeata.

No MEC, Ricardo Marques Coelho, diretor do Sindicato, foi o primeiro a falar: "Hoje, dia 15, dia dos professores, é muito importante ver que a situação já mudou. Nos outros anos, nada havia. Hoje não é um dia apenas de festa, mas também um dia de luta. Os professores demonstraram que não são mais aqueles carneirinhos que a imprensa, os patrões e o governo apregoavam que fossem. Demonstraram que não estão mais dispostos a aceitar esta situação de péssimas condições de trabalho e salários miseráveis, de escolas autoritárias. Os

dias, maiores salários, ensino democrático. O ano de 1979 foi um ano de lutas, mas apenas demos o primeiro passo. Fortalecendo nossas entidades, organizando nossas escolas e faculdades, vamos levar adiante um movimento que obrigue os patrões e o governo a pagar o prometido e não cumprido. Um movimento que mostre a unidade dos professores na luta por melhores dias, na luta contra a ditadura".

A representante da UNE, Kika Alves de Souza, e o representante da UEE, Luiz Mariano Paes de Carvalho, lembraram o apoio dos estudantes à causa dos professores e se comprometeram a levar, para dentro das salas de aula, o debate sobre melhores condições de ensino, melhores condições de trabalho para os professores, além de manter sua luta contra o ensino pago e as escolas antidemocráticas.

Godofredo Silva Pinto, do CEP, ressaltou a unidade entre sua entidade e o Sindicato, e anunciou as próximas eleições para diretoria como mais uma oportunidade da categoria demonstrar seu repúdio à intervenção: "Queira o governo que exista a UNE ou não, queira o governo que exista o CEP ou não, o máximo que ele pode fazer é cassar os seus registros. Mas nunca poderá cassá-las onde elas são mais importantes — no coração e na mente de cada professor e cada aluno."

Ao final, todos se comprometeram a continuar a mobilização dos companheiros para que os próximos atos contem com um maior número de participantes. Também ficou acertado a continuação

Na Semana do Professor promovida por nosso Sindicato, alguns aspectos merecem ser analisados com maior destaque, por terem permitido a ampliação de uma discussão que muito interessa à categoria. Tivemos uma programação iniciada com os debates sobre "Educação e Ensino Privado", "Carências no Processo Educacional" e "Panorama do Ensino da História no Brasil", onde se chegou a um denominador comum quanto à ineficácia da educação brasileira e o desligamento da escola atual das aspirações de todo os envolvidos no processo educacional: "temos o fracasso da educação no Brasil porque se conjugou escola pública e privada para deseducar — no primário, uma escola elitista; nos cursos médios, uma es-

cola deteriorada, e, ao nível universitário, uma escola mercantilista", foram as palavras de Darcy Ribeiro, que considerou, também, o fato da educação manter-se ligada à filosofia escravagista, marginalizando o povo.

Dentro das carências do processo educacional, debateu-se não somente as de ordem físicas — como saúde, alimentação e higiene —, mas uma outra questão fundamental, que é fato de importarmos um padrão de educação e, portanto, um padrão do educando. Mas, como este não corresponde à realidade do nosso educando, a imposição de uma escola desligada do seu mundo diário, da sua linguagem, do seu contexto, sócio-econômico,

provoca uma distorção maior, ou seja, o desentendimento entre o que se ensina e o que se vive dentro da escola.

No panorama do ensino História no Brasil, ocorre a necessidade de reexaminar a história brasileira, que é parda, racista e discriminatória. O ensino, nesta área, agravou-se mais com a Lei de Diretrizes e Bases de 64, e, especialmente após 69.

Por isso, certos aspectos tornam-se da maior importância: devem ser levados em conta a realidade da escola, cada setor do ensino brasileiro, pois a nossa luta também por melhores condições de ensino. É um processo amplo e diário, diariamente, pro-

CIDADE DE DEUS VOLTA ÀS AULAS

Exatamente na Semana do Professor, uma comemoração estranha e não-programada acontecia. Professores saudavam, com bolo, velinhas e tudo mais, a chegada da polícia. Era dia de festa na Cidade de Deus, onde as aulas haviam sido interrompidas durante vários dias, pela completa falta de segurança para professores e alunos. O funcionamento normal das escolas foi impedido por tiroteios entre os diversos grupos armados que disputam o controle da área — um "gueto" para onde foram transferidos moradores de várias favelas que "atrapalhavam a beleza" da Zona Sul da cidade.

A Cidade de Deus, formada por conjuntos habitacionais precários, sem as mínimas condições de saúde e higiene para seus habitantes, vive um clima de guerra: este ano, 34 assassinatos. Absolutamente impossibilitados de continuar trabalhando, os professores pararam. Só depois de diversas notícias na imprensa, foram tomadas as providências. E a determinação de rondas de dois policiais nas proximidades de cada escola, durante o período das aulas, foi um "presente de Dia dos Mestres", suficiente para valer a volta às aulas e até a comemoração desses companheiros tão próximos — afinal lecionam aqui mesmo, na "Cidade Maravilhosa" — e, ao mesmo tempo, tão distantes. Companheiros que, dificilmente, terão oportunidade de participar dos debates sobre as mais modernas técnicas de educação. Companheiros que, provavelmente, também não tiveram tempo para viver as comemorações programadas pelo nosso Sindicato para a Semana do Professor.



Na mesa redonda sobre

NOS A CON HORA

Durante os primeiros dias da Semana do Professor, tivemos, através de três mesas redondas, oportunidade de discutir assuntos importantes para o exercício da profissão: a questão do ensino pago, com a participação do ex-ministro da Educação, Darcy Ribeiro; as carências do processo educacional, a presença dos companheiros médicos, e o ensino da História no Brasil. O alto nível do debate, o comparecimento, o auditório do Sindicato lotado, permitiu um aprofundado debate sobre questões e uma conclusão: precisamos repensar e modificar a estrutura do nosso ensino, precisamos modificar os critérios de carência e reestruturar o



OR, A LUTA CONTINUA

país. Devemos, en-
tar uma prática o
ário com nossos
entro de uma visão
realidade, onde
emos agentes da

minhada pela edu-
unindo entidades
ativas de professores
as áreas e entidades
mostra que dois
devem ser consi-
a educação é um
amplo, onde são
interessados, o que
agentes ativos, com
de transformar a
2º — há pouca
ção da categoria. Isto
fica que os profes-
eram desinteressados
própria problemática,
insuficientemente

É necessário que supe-
remos a desinformação. O
Sindicato somos nós e seu
fortalecimento só é possível
com a presença de cada
professor dentro dele, unidos
na luta não só por melhores
condições salariais e de en-
sino, mas por uma educação
que atenda à realidade da nos-
sa sociedade.

Somos uma categoria de
mais de 20 mil professores
dentro do Sindicato. Temos
ainda o CEP, entidade cassada
pelo arbítrio, onde mais de 100
mil professores estão re-
presentados. Somos uma for-
ça em número e exercemos
uma função transformadora
na sociedade. Mas somos for-
tes quando unidos. Nossa luta
é única.

Ana Morena

A Semana do Professor,
ainda que mobilizando
irregularmente a categoria,
serviu para levantar alguns
dos muitos problemas que
temos enfrentado. E a
questão da mobilização foi,
precisamente, um desses
pontos, tornando clara a
necessidade de uma
presença mais efetiva do
nosso Sindicato em cada
núcleo que reúna profes-
sores.

Torna-se imprescindível
que o Sindicato se faça
sentir no dia-a-dia de cada
sala de aula, de cada ga-
binete, de cada centro de
professores. A consciência
desta necessidade existe
hoje não só dentro do
próprio Sindicato como na
categoria. Só uma
mobilização permanente,
diária, dos professores irá
fortalecer a nossa luta.



No Clube de Engenharia, todos se comprometeram a continuar a luta pela anistia ampla, geral e irrestrita.

CASSADOS TÊM QUE VOLTAR JÁ

O Sindicato dos Profes-
sores, na voz de seu atual
presidente e de ex-
presidentes, resolveu con-
tinuar a luta pela anistia até
que o último preso político seja
solto e o último exilado possa
voltar livremente ao Brasil. Um
dos que levantaram essa ban-
deira foi o prof. Bayard De-
maria Boiteux, ex-presidente
do órgão de classe. Ele e mais
dois outros ex-presidentes —
Hélio Marques da Silva e
Carlos da Silva Teixeira — es-
tiveram presentes à home-
nagem que o Sindicato pre-
stou aos professores atingidos
pelos atos de excessão nos úl-
timos 15 anos. E foram tam-
bém homenageados, como
vítimas desses mesmos atos
ditatoriais.

oficial pelo Ato Institucional
nº 5).

Os três ex-presidentes
presentes à cerimônia, o atual
presidente, José Monreivi
Ribeiro, o vice-presidente,
Jorge Luiz Souza e Silva, e a
primeira-secretária, Ana Maria
Szapiro, compuseram a mesa
diretora dos trabalhos, que
facultou a palavra ao plenário.

Foi quando o prof.º Robes-
pierre Martins Teixeira, um
dos punidos pela legislação de
excessão, sugeriu que a luta
dos anistiados prosseguisse
também no campo do ressar-
cimento das remunerações
suspensas na área do ensino
oficial, aos que foram afas-
tados pelos atos de excessão.

Antes, emocionado e
falando por todos que foram
punidos pelos Atos Institu-
cionais e Lei de Segurança
Nacional, o prof.º Bayard
Demaria Boiteux, que passou
nove anos no exílio, disse estar
de volta ao Brasil para, "om-
bro a ombro com meu povo,
lutar por uma anistia ampla e
irrestrita, anistia que nunca foi
um favor do Governo, mas sim
pressão dos trabalhadores,
camponeses e estudantes".

O prof.º Waldir Duarte
também prestou seu de-
poimento lembrando que,
após ser atingido pelo Ato In-
stitucional nº 1, ele e outros
companheiros foram punidos
por uma portaria do então
secretário da Educação, que
os considerou moralmente in-
capazes de exercer o magis-
tério.

Ainda durante a cerimônia,
a mesa diretora dos trabalhos
leu o nome de professores
mortos e desaparecidos nas
malhas da repressão.

mesa, o fato de que o ensino
brasileiro está baseado na es-
cola privada, quando a escola
pública, com o ensino gra-
tuito, é que deveria ser o sus-
tentáculo e base de qualquer
projeto educacional, sem
transferir para o aluno um ônus
que deve ser do Estado. Por
isso foi denunciada "uma
política de governo que relega
a educação do povo a um
plano secundário, para manter
um status de dominação".

CARÊNCIAS

Na mesa redonda sobre
Carências no Processo
Educativo, os companheiros
médicos e psicólogos Miguel
Melzak, Célio Assis do Carmo,
Jairo Coutinho França e Zaia
Brandão, num debate coor-
denado pela diretora do Sin-
dicato Ana Maria Szapiro,
apontaram uma deturpação
em nosso modo de encarar o
aluno, estabelecendo um
padrão de educando ideal
completamente alheio às con-
dições de vida de nosso povo.

Assim, ao trabalhar com
formas de educação impor-
tadas, sem qualquer relação
com nossa realidade, pas-
samos a tentar enquadrar o
aluno dentro dessas normas e
não a enquadrar as normas a

crianças que têm carência
alimentar, com conseqüente
diminuição de carga de vi-
taminas necessárias para que
ele possa atingir esse modelo
ideal. Mas isto não significa
que ele não seja inteligente.
Ele o é, para nossos padrões.

REPENSAR

Os professores Ilmar R. de
Matos, José Luiz Werneck da
Silva, Eulália Lameyer Lobo,
Berenice Cavalcanti Brandão,
Ricardo Coelho e Francisco
Alencar, mostraram que o
Panorama do Ensino de His-
tória no Brasil acompanha o
negro quadro da Educação no
país. Nossa história é detur-
pada para nos mostrar apenas
a história dos dominadores; é
racista, especialmente com os
negros e índios, e nossos livros
didáticos espelham essa
realidade falsa.

Por isso, tanto os deba-
tadores quanto a platéia con-
cluíram pela necessidade de
que haja uma reformulação,
não só na didática e nos livros
escolares, como na própria
apresentação de como foi
nossa história, para que os
professores possam mostrar
a seus alunos o que realmente
aconteceu em nosso passado.



podem repensar tudo

TES ÃO: É UDAR

hoje, ver como
ou escola pública e
para deseducar, pois
cação é um fracasso

de Darcy Ribeiro —
dos, junto com os
Maria Helena Sil-
ma Holanda Wer-
Luis de Souza e
Teixeira, Samira
Mesquita e Paulo
mes, a mesa da
re Educação e En-
do — resume com
análise geral sobre
ma. Todos protes-
redução drástica
de educação, que
de 11,8 por cento do
da União, há 15
4,8, no ano pas-

22% DOS
ESCOLARES
BRASILEIROS
ESTÃO
ANÊMICOS!

ZERO EM
VITAMINA C...
ZERO EM
VITAMINA D...
ZERO EM
VITAMINA A...



desta FOLHA DO PROFES-
SOR, demitido do ensino

PAULO FREIRE E A NOSSA SALA DE AULA

Gustavo Krause

Para o aluno, o professor é o veículo da instituição-escola, por sua vez veículo das outras instituições, inclusive da família ("segundo lar", não?). Ou seja, ele é a instituição personificada. Como a instituição é autoritária, o professor também é autoritário. O professor que entra em sala e "mostra", com o seu discurso, que não é autoritário, que *é a favor do diálogo*, que não é dono da verdade, está escamoteando o caráter autoritário do seu papel. Porque algumas questões não podem ser objeto desse diálogo, a priori: como o tempo da aula, a sequência das aulas; a carga horária-avaliação a que, por mais "moderno" e "liberal" que seja, o sistema, não deixa de ser um domínio do professor acima dos alunos, ou melhor, por sobre os alunos. É a maior "verdade" que o professor detém: o fato de ele ser competente e onisciente para julgar e classificar um monte de gente, enquanto os alunos não possuem a con-

O artigo "Educar=Transformar", da professora Eliene B. Zlatkin, no número 82, levantou questões importantes. Mostrou, pelo título, sua própria opção, embora tenha demonstrado pelo texto que a educação contemporânea mais se iguala a "Adaptar" do que a "Transformar". Aquelas questões se inserem no momento atual, quando retorna ao Brasil, após muitos anos de exílio, o professor Paulo Freire, conhecido internacionalmente como um dos maiores nomes da Pedagogia atual, e desconhecido nacionalmente pela maioria dos

professores (que, é bem verdade, leram muitos trechos de Rogers Skinner, Bloom, Piaget etc.). Por isso, a partir do artigo e das ideias de Paulo Freire, gostaria de tentar relacioná-los com a prática. Por exemplo: quando o artigo diz que uma aula deve deixar de ser uma atividade passiva para ser um encontro "onde se pratica o diálogo, no qual o professor não se julga possuidor do saber e o aluno não se considera nem é considerado o ignorante absoluto", eu diria que se está escamoteando alguns fatos que tornam irreal esta pretensão.

cânica — quando a sociedade é transformada radicalmente também." (2)

É PRECISO REABILITAR A SALA DOS PROFESSORES

No momento em que se concorda com as demonstrações acima, o que resta ao professor? Bem, além de compreender nossas contradições e de não escamoteá-las perante os alunos, creio que resta sobra um grande trabalho político e educativo de transformação, já dentro da sala dos professores (e não da sala de aula). Muitos dos professores "liberais" preferem ficar no pátio, conversando a

ser dirigida. E que portanto não deveriam agüentar, para não escamotear a verdade.

O papel do professor é autoritário, e portanto todo professor também é. O aluno sabe disso. Tanto, que fica mais atento ao professor "liberal", procurando perceber a mínima contradição para denunciá-lo. Atenção esta que não usa com o outro, claramente repressivo, porque deste ele já sabe o que esperar. O professor "liberal" o confunde, o perturba, tira a clareza da sua percepção sobre a escola, como um espaço que não leva em conta os seus desejos. Aliás, pode ser este o papel do professor "liberal": confundir, para a escola melhor dominar.

educando é um educador e o educador é um educando encontramos aqui a prática do conceito, porque o coordenador do Círculo aprende com a experiência de trabalho das

as contradições sem se isentar delas, e que sabe fazer, junto com os outros e com a práxis de todos, o ANÚNCIO de uma sociedade mais justa, mais honesta, mais inteligente.

"Pensar a educação independentemente do poder que a constitui, desgarrá-la da realidade concreta em que se forja, nos leva a, de um lado, reduzi-la a um mundo de valores e ideais abstratos, que o pedagogo constrói no interior da sua consciência, sem sequer perceber os condicionamentos que o fazem pensar assim, e de outro, convertê-la num repertório de técnicas comportamentais. Ou ainda, tomar a educação como alavanca de transformação da realidade.

Na verdade, porém, não é a educação que forma a sociedade de uma certa maneira, mas a sociedade que, formando-se de uma certa maneira constitui a educação de acordo com os valores que a norteiam. Mas, como este não é um processo mecânico, a sociedade que estrutura a educação em função dos interesses de quem tem o poder, passa a ter nela um fator fun-

gavelmente com os alunos discriminando seus colegas "fascistas", sem perceber que o professor "fascista" não só é fascista; é também professor, assalariado, explorador, oprimido. E que o professor liberal não é só "legal", também é professor, e portanto fascista, autoritário, veículo de exploração e da opressão, veículo de uma sociedade sem estruturada.

É bastante irreal tentar exercer a democracia na sala de aula, se o resto do pré-não for democrático. Se a direção e as coordenações não forem eleitas pelos professores. Se as diferentes tendências de pensamento não forem respeitadas e articuladas para se transformar em consenso. Se há discriminações sutis e clínicas dentro da própria classe, como parar outro procedimento com os alunos?

Parece-me que as recentes lutas demonstram o princípio do caminho de união. Parece-me que, com a nossa busca de dignidade profissional, nossas aulas refletirão um maior respeito pela dignidade do outro. Ao estarmos engajados numa luta pela transformação da sociedade, para não aceitar a exploração junto com demais trabalhadores, assumamos também a escola como espaço a modificar. Principalmente porque, creio, os alunos não meçam a se modificar, a engajarem à sua maneira na luta pelo respeito à integridade e à integridade ser humano.

NOTAS:
(1) FREIRE, Paulo. Ação cultural para a libertação. Rio de Janeiro, 1976. P. 78.

"Questionar a educação é a melhor maneira de perguntar pelo futuro da sociedade."

trpartida — ou seja, são ignorantes sim. Por último: também não é objeto daquele "diálogo" por que este e não aquele professor, que pode entrar até propondo "diálogo", desde que os alunos não dialoguem sobre a sua pessoa. Especialmente sobre se ele deve ser ou não o professor daquela turma. E, considerando que as turmas se formam à revelia de seus componentes vemos que o professor-escola é o dono de muitas e muitas "verdades" mesmo que pose de liberal.

Donde, não é à toa que mesmo as escolas mais arbitrárias gostam de ter entre seus quadros professores "liberais", "jovens", "idealistas" (larghi). Porque esses professores costumam escamotear o autoritarismo da escola. Porque os alunos os usam para falar mal dos "repressivos", descarregando a tensão no "cara legal" através da fofoca, e não se organizando como reprimidos para agir concretamente a respeito. Porque os alunos os usam para descarregar a bagunça acumulada, para "exercitar" toda a sua crítica nos seus métodos, enquanto eles, "madura e paternalmente", agüentam a barra de uma

E PAULO FREIRE COM ISSO?

Tudo isso tem a ver com Paulo Freire, por ser o autor de cabeceira do professor mais conscientizado. É também o autor a que recorrem os liberais para justificar a sua teoria do diálogo. No entanto, somente quando nos aprofundamos radicalmente na análise das suas teses, podemos fugir do perigo de usá-las como muletas dogmáticas e superficiais a apoiar a nossa própria superficialidade.

Quando Paulo Freire diz que "dizer o mundo é fazer o mundo", isto não é uma abstração. Porque o seu trabalho não é de sala de aula. As si-

peçoas, e as pessoas aprendem com o conhecimento mais sistematizado do coordenador. Ocorre, então, cada participante se tornando capaz de perceber que transforma o mundo através do seu trabalho, e portanto capaz de transformar o seu trabalho através da sua palavra, da sua expressão (extensão de si mesmo, enquanto ser que deseja e que é). "É exatamente isto o que não fez a educação que costumamos chamar de bancária, em que o educador substitui a expressividade pela doação de expressões que o educando deve ir "capitalizando". Quanto mais eficientemente o faça, tanto melhor educando, será considerado (1). Ou seja, é exatamente isto o que não faz a nossa escola, ao não levar em conta, nem pelo professor liberal, a experiência de vida dos alunos: sua giria, seus papos de esquina, sua moda, seu "fumo", sua vida sexual e afetiva, suas soluções para o mundo, suas defesas e fugas. Isso não interessa. Interessa ora a matéria, ora os grandes problemas da atualidade nacional. E assim eles são discriminados, ora porque não estudam, ora porque não lêem jornal nem participam.

Quando diferencia "transfêrencia de conhecimento" (educação bancária), que pede um recipiente-aluno para ser enchido sem reclamos, de "ato de conhecer", que pede um ser consciente de sua intencionalidade, Paulo Freire deixa clara a exigência de respeito aos desejos do sujeito, que são respaldo a um saber honesto e significativamente apreendido. Por isso, defende um educador honesto, como aquele que sabe fazer a DENÚNCIA das condições atuais

Todo professor é autoritário, porque a instituição é autoritária

tuações educativas que criou têm o nome de círculos de cultura, e emergem de circunstâncias bem concretas, como centros habitacionais, fábricas, lavouras. Assim, "dizer o que faz no mundo é fazer o que diz para o mundo". Ou seja, o programa é decidido em comum nos Círculos de Cultura, a partir das experiências e desejos de todos os seus componentes. Assim, quando é dito que ninguém sabe tudo

O perigo é usar as teses de Paulo Freire como muletas dogmáticas

A educação não é alavanca de transformação da realidade

damental para a sua preservação.

A concepção da educação como alavanca de transformação da realidade resulta, em parte, da apreensão incompleta do ciclo acima referido. Funda-se no segundo momento do ciclo, em que a educação funciona como instrumento de preservação. É como se os defensores de tal concepção dissessem: "Se a educação mantém é porque pode preservar o que mantém". Esquecem-se de que o poder que a cria para que ela o mantenha não permite trabalhar contra ele. Por isto é que a transformação radical e profunda da educação, como sistema, só se dá — e mesmo assim não

Reforma salarial mantém lucro alto

Anistia para o arrocho salarial". Assim o economista Walter Barelli, diretor do DIEESE, definiu o projeto da Política Salarial que será encaminhado ao Congresso do Governo Federal. A nova política prevê reajustes semestrais baseados em um novo Índice Nacional de Preços ao Consumidor e aumentos maiores que o custo de vida para quem ganha até três salários mínimos. Aparentemente, uma vantagem para trabalhadores. Mas as vantagens são muitas. Em primeiro lugar, o objetivo de redistribuir a renda está longe de ser atendido, porque a relação entre salários e salários será mantida praticamente na mesma propor-

exemplo, como será possível medir produtividade?

VANTAGENS?

Com a atual taxa de inflação — 59,9% foi o último dado oficial — as duas vantagens oferecidas pela nova política salarial (reajuste semestral e 10% a mais sobre o custo de vida para quem

cavam com 11,9%. Os últimos dados, também do IBGE e referentes a 1976, mostram que os 50% mais pobres ficaram mais pobres ainda, recebendo 13,5% da renda nacional, enquanto os 1% mais ricos ficaram também mais ricos, passando a deter 17,4% da renda.

Outro exemplo que pode mostrar como é "lenta e gradual" a nova política sa-

MINISTRO DO
TRABALHO
QUEER SALÁRIOS
SEGUINDO
CUSTO DE VIDA!



ganha até 3 salários mínimos) ficam praticamente anuladas. Na verdade, nos anos do chamado "milagre brasileiro", quando mais se criticou o arrocho salarial, a situação era até melhor que agora, porque a taxa de inflação anual era menor que a atual taxa de inflação semestral.

Mesmo que o Governo modifique o primeiro reajuste semestral, aumentando os 22% que propôs para os 27% que representam realmente o aumento do custo de vida, um trabalhador que receba até três salários-mínimos perderá grande parte de seu poder aquisitivo durante o ano.

Ele ganha Cr\$ 6.804,00. Uma inflação de 27% por semestre, significa uma perda de 4,1% no poder aquisitivo todo mês. Assim, no primeiro mês, seu salário já caiu para Cr\$ 6.525,00. E, ao final do semestre, caindo todo mês 4,1%, estará valendo realmente Cr\$ 4.966,92 (27% menos que o inicial). Neste ponto, ele recebe o reajuste de 27% e passa a ganhar um salário real de Cr\$ 6.307,98, que já é quase 8% menor que o que recebia no começo do semestre. Este salário também vai-se desvalorizando durante o segundo semestre e chega a valer, realmente, Cr\$ 4.604,82 no final do ano, o que é um salário quase 70% menor que o recebido no início do ano (Cr\$ 6.804,00).

Como se vê, a situação da má distribuição de renda não poderá melhorar a partir daí. E esta situação vem piorando. Segundo o IBGE, em 1960, os 50% mais pobres recebiam 13,5% da renda nacional, en-

lacial é o salário mínimo. Ele não será reajustado semestralmente e nem ganhará nenhum percentual acima do índice, pois, por decisão do Governo, está fora da nova política salarial. Mas, mesmo que ele fosse incluído, seriam necessários dez anos (20 reajustes semestrais) para que ele atingisse o nível em que se encontrava em 1964.

Além de tudo isto, um problema fundamental não foi sequer cogitado: a rotatividade. Sem estabilidade no emprego, e mantido o salário mínimo inalterado, nada impede que as empresas demitam em massa às vésperas do reajuste semestral e recontratem funcionários com base nos antigos salários. Se uma empresa tem grande parte de seus empregados recebendo, por exemplo, um salário mínimo, ela terá que reajustá-los de Cr\$ 2.268,00 para Cr\$ 2.880,00 no primeiro semestre e para Cr\$ 3.658,00 no final do segundo semestre. Será muito mais vantajoso, portanto, demitir a maioria e recontratar, após a época de cada reajuste, pelo mesmo salário mínimo, que seguirá inalterado.

Os sindicatos e também as associações de funcionários públicos estão excluídos da nova política. Revoltados com a imposição desta política salarial já estão se organizando para reivindicar, ao lado do MDB, sua não aprovação pelo Congresso Nacional. Mais de 50 sindicatos já estão preparando uma marcha à Brasília para o dia da votação do projeto.

(Colaboraram para esta matéria os economistas Ana Malin e João Sabola, do Grupo de Política Salarial do IER — Instituto dos Economistas do Rio de Janeiro).

Luta contra nova CLT une os trabalhadores

A Unidade Sindical do Rio de Janeiro — de que participa o nosso Sindicato, ao lado de mais 20 outros — já está discutindo o anteprojeto da CLT que o governo pretende implantar. Tomou-se, por base de discussão, o documento elaborado pelos sindicatos paulistas, que foi enviado, em agosto, ao Governo Federal.

A inspiração fascista da legislação brasileira é lembrada ainda na introdução do documento. E a conclusão é a de que o anteprojeto de reformulação proposto pelo Governo "mantém os mesmos institutos repressivos e princípios básicos da velha consolidação".

Os paulistas acreditam mesmo que, muitas vezes, as alterações propostas representam uma mudança para pior, ditando, entre muitos exemplos, a redução da estabilidade da gestante e o enquadramento autoritário do trabalhador da agroindústria.

Nossos problemas foram reduzidos a quatro questões — carreira docente, estabilidade, aposentadoria e férias — que, além de se apresentarem confusas, tiveram abordagem genérica.

AS PROPOSTAS

A opinião, unânime, da Unidade Sindical Paulista é de que o anteprojeto chegou fora de tempo porque, ele "não se atém aos princípios que inspiram uma democracia".

PROFESSORES

Para nossa categoria o anteprojeto da CLT proposto pelo Governo não prevê o pagamento antecipado das férias, nem estabelece que o aumento do número de aulas deva ser sempre acompanhado do adicional de 25%. Os companheiros de São Paulo, considerando que o estabelecimento de uma remuneração mínima para os diferentes setores da categoria é reivindicação de todo o professorado, propuseram a inclusão do tema no novo Código de Trabalho.

Para tal, a remuneração deve levar em conta a perda de poder aquisitivo da categoria nos últimos anos e ser baseada em pesquisas de órgãos independentes como: O DIEESE; deve ser proibido o rebaixamento dos salários dos docentes e a contratação de novos professores em níveis inferiores aos normalmente pagos por cada escola.

As maiores críticas se referiram à proposta de tomar por base da remuneração do professorado o salário mínimo mensal vigente, comprovadamente insuficiente para o trabalhador. Além disso, o anteprojeto admite a dispensa por justa causa com fundamento em estatutos internos, elaborados à revelia do professor. E, no que se refere aos professores universitários, demonstra completo desconhecimento da situação atual nas empresas particu-

lares. Nossos problemas foram reduzidos a quatro questões — carreira docente, estabilidade, aposentadoria e férias — que, além de se apresentarem confusas, tiveram abordagem genérica.

Segundo o documento de São Paulo, as entidades sindicais livres deverão ainda ser coordenadas por uma Central Única de Trabalhadores. A organização de base deve se dar através de comissões de empresa, garantidas nas convenções coletivas de trabalho e eleitas pelos trabalhadores. Os sindicatos devem ter representação junto aos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário.

Convenções Coletivas de Trabalho — com total liberdade para as negociações diretas — também foi uma exigência, ao lado do direito de greve — "a greve deverá ser exercida livremente, garantindo seu direito, sem qualquer discriminação como a das "categorias essenciais" para restringir seu uso". A manutenção do FGTS, com a participação dos trabalhadores na gestão dos fundos foi pedida, mas ao lado da estabilidade, após o prazo de experiência de 90 dias no emprego.

Os professores do Rio de Janeiro participam da discussão em torno do anteprojeto da CLT e querem, a partir da reflexão sobre este documento, de São Paulo, contribuir na Unidade Sindical para a reivindicação conjunta de uma legislação trabalhista mais justa.

VÁ AO SINDICATÔ
ELE É A SUA VOZ

NA VOLTA, A MESMA LUTA

Professores, metalúrgicos do Rio e Niterói, rodoviários, petroleiros, — trabalhadores rurais, médicos, petroquímicos, artistas e muitas outras categorias profissionais estiveram representadas pelos presidentes e diretores dos seus sindicatos na recepção que marcou o regresso ao Brasil, vindos do exílio, de três importantes ex-dirigentes sindicais e de um líder de trabalhadores do campo.

Hércules Corrêa dos Reis, Lindolfo Silva e Luiz Tenório de Lima, além de Gregório Bezerra, o velho defensor dos trabalhadores da zona canieira de Pernambuco, desembarcaram no Galeão no dia 29 de setembro e foram recebidos por umas 500 pessoas, que, juntamente com os ex-exilados, fizeram, na própria gare do aeroporto, um prolongado e emocionante comício pelas liberdades democráticas. Em São Paulo, os líderes sindicais foram recebidos por 2 mil pessoas que seguiram do Aeroporto de Congonhas para um ato público no Sindicato dos Aeroaviários.

QUEM É QUEM

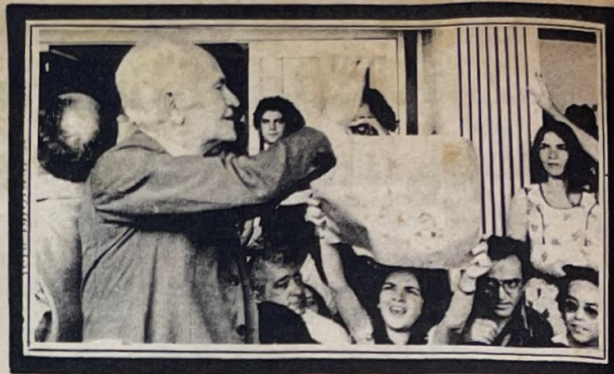
Hércules Corrêa dos Reis, atualmente com 50 anos, nascido no Espírito Santo, é operário têxtil. Entre 1960 e 1963 foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Fiação e Tece-lagem do Rio e da Comissão Permanente das Organizações Sindicais da Guanabara e membro do Conselho Geral dos Trabalhadores. Era deputado estadual pela Guanabara, mas foi cassado em 1964, quando ocupava a secretaria geral da Assembleia Legislativa. Sua carreira de parlamentar se iniciou em 1946, quando foi deputado à Assembleia Constituinte pelo Partido Comunista Brasileiro, então na legalidade. Deixou o País em 1970, depois de viver na clandestinidade seis anos.

Lindolfo Silva, filho de uma família de camponeses do Estado do Rio, começou a atuar no meio sindical rural em 1950. Foi secretário e presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura e, durante muitos anos, secretário da União Internacional dos Sindicatos de Trabalhadores na Agricultura.

Não se sabe a data de sua saída do Brasil para o exílio.

O pernambucano **Luiz Tenório de Lima**, de 56 anos começou sua vida profissional como analista químico de usinas de açúcar do Nordeste, Minas e São Paulo. Foi, por duas vezes, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação de São Paulo. Foi também deputado à Assembleia Legislativa de São Paulo, eleito em 1946 pela legenda do Partido Comunista Brasileiro, mas perdeu o mandato um ano depois, quando o PCB foi posto fora da lei. Preso em 1964 pelas forças policiais da Revolução, era, na época, secretário do Pacto de Unidade e Ação (PUA). Antes, em 1961, fora eleito presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria do Estado de São Paulo e diretor da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI). Além disso tudo, foi um dos fundadores do DIEESE.

Gregório Bezerra, de 79 anos, pernambucano, foi sargento do Exército até 1935, quando participou do levante comunista em Recife. Anis-



Anistiado pela segunda vez (a primeira foi em 1945), Gregório defendeu a união das oposições e a autonomia dos sindicatos.

tiado em 1945, foi eleito deputado do PCB à Assembleia Constituinte. Com a decretação da ilegalidade do PCB, perdeu o mandato e voltou para Pernambuco, onde organizou os sindicatos de trabalhadores rurais. Preso em 1964, foi barbaramente torturado, inclusive em praça pública — no Largo da Casa Forte, onde estupefatos moradores o viram ser puxado por uma corda amarrada a um jipe, mal podendo andar porque seus pés haviam sido queimados por ácido. Estava preso quando foi trocado pelo

embaixador Charles Burke Elbrick.

UNIDADE DAS OPOSIÇÕES

Após desembarcarem no Galeão, os quatro ativistas sindicais defenderam a união de todas as oposições em torno do MDB, enalteceram a postura da Igreja Católica na luta pelos oprimidos e defenderam a autonomia sindical face aos patrões, ao Estado, aos partidos políticos e instituições religiosas, isto porque, o sindicato tem seus objetivos próprios e sua forma de se expressar.

SINDICATO E DEMOCRACIA

Ana Maria Szapiro

A atual direção do nosso Sindicato, eleita há um ano, num momento de grande desânimo e descrença da categoria em relação à sua entidade, tem pela frente um objetivo fundamental, expresso no programa que a elegeu: o fortalecimento do Sindicato, como representantes dos anseios dos professores, sempre em defesa de seus verdadeiros interesses.

Hoje, somos uma categoria que, ao longo destes 15 anos de arbítrio, sofreu, ao lado do conjunto dos trabalhadores, toda a sorte de opressão e injustiça. Nossos salários, aviltados pela política de arrocho, obrigam a maioria dos professores a dar de 50 à 60 aulas por semana.

A qualidade do ensino caiu vertiginosamente e o governo nos responsabiliza por esta situação. Mas como dar boas aulas, quando não há tempo sequer para prepará-las? Com que dinheiro frequentar os cursos que nos permitirão atualizar nossos conhecimentos?

As reformas do ensino surgem de cima para baixo, sem nossa participação e estão longe de atender às necessidades da realidade com a qual trabalhamos. A demagogia do governo, criando o ensino de 1º e 2º graus serviu, na verdade, para passar o antigo primário de 6 para 4 anos e fazer do ginásio a extensão do primário.

O direito ao repouso semanal remunerado nos é usurpado sob os argumentos de que os míseros salários hora-aula já o incluem. A aposentadoria aos 25 anos de serviço se arrasta no Poder Legislativo

por culpa de manobras da ARENA que se retira do plenário na hora da votação.

As salas de aula, superlotadas, são aprovadas pelo Conselho de Educação — no qual, diga-se de passagem, os professores não são representados, embora lá estejam os donos de colégios — contrariando qualquer princípio pedagógico.

Como superar tudo isto? Como pressionar os patrões a nos pagar condignamente? Como pressionar o Congresso a aprovar a aposentadoria aos 25 anos? Como combater a reforma da CLT proposta pelo governo com o objetivo claro de nos golpear mais uma vez? Como, enfim, conquistar condições de ensino que nos permitam assumir nosso papel de educadores?

UNIDADE

Durante todos esses anos temos, apesar das dificuldades, denunciado este estado de coisas e aprendemos que, isolada e individualmente, jamais resolveremos nossos problemas. Isolados, somos mais fracos e, portanto, facilmente derrotados.

Fica claro, então, que apenas nossa união em torno do Sindicato poderá nos levar a vitórias. Será através da organização da toda a categoria em sua entidade que nossa luta assumirá um cunho efetivamente democrático.

Convergir esforços para o fortalecimento do Sindicato significa incorporação à vida sindical. É defender nossos interesses e nossas propostas de luta, submetendo-os, entretanto, à decisão máxima da categoria representada pela Assembleia Geral. É zelar pela qualidade profissional dos mestres, promovendo cursos de especialização.

É estimular atividades de lazer e cultura. É debater e lutar em torno dos problemas mais candentes dos professores.

É, fundamentalmente, sindicalizar em massa nossos companheiros. Contamos, hoje, com apenas 3.800 associados em dia, para uma categoria de aproximadamente 20.000 professores. Sem essa sindicalização em massa, nossa entidade continuará dependendo do imposto sindical compulsório, quando o ideal seria que ela fosse sustentada pela contribuição dos associados.

Além disso, convocamos todos os companheiros a se integrarem no trabalho de construção de uma entidade forte, através de sua atuação nas Comissões que cumprem um papel importante de assessoramento à diretoria do Sindicato. Já funcionam as comissões de Imprensa, Sindicalização, Atividades culturais, Pró-Anistia e Ensino Superior.

Outras comissões serão criadas necessariamente e, já em breve, serão montadas as Delegacias Sindicais nas regiões mais afastadas. Nada disso poderá apresentar resultados positivos sem a participação da categoria.

DEMOCRACIA

Outro motivo para que os professores se mobilizem e se organizem em torno do sindicato é o fato de que os problemas que o professorado enfrenta só poderão encontrar soluções realmente duradouras se inseridos nas soluções globais das outras categorias da sociedade brasileira. A luta do povo brasileiro pela Democracia também é a luta dos professores. Toda a sociedade busca retomar os

espaços de participação e decisão que lhe foram usurpados nesses 15 anos de arbítrio.

Professores, médicos, jornalistas, motoristas, costureiras, metalúrgicos, bancários, donas-de-casa, enfim, todos os setores da população organizam-se e levantam sua voz exigindo o fim do arrocho salarial, o fim da inflação e melhores condições de vida.

Nas justas reivindicações dos trabalhadores compreendemos, cada vez mais, a necessidade de lutar por liberdade e autonomia sindical, pelo direito de greve, pela liberdade de organização partidária, pela unidade sindical e por uma anistia ampla, geral e irrestrita.

Não interessa a nós, trabalhadores, a proposta do Governo de reformulação da CLT. Não interessa a lei antigreve, que atende apenas aos interesses patronais e só serve para reprimir aqueles que reivindicam salários mais dignos.

A anistia parcial trouxe de volta líderes que vêm se reintegrar à luta, mas ainda permanecem na prisão e no exílio inúmeros brasileiros. Com eles está nossa solidariedade através da continuidade da luta pela anistia ampla, geral e irrestrita.

Pensamos, por isso, ser este o momento de unidade de todos os setores populares em torno de uma frente que se materialize nas lutas pela Democracia, pelo fim do arbítrio e pela construção de uma sociedade mais justa.

Portanto, nós professores, organizados em torno de nosso Sindicato, temos que caminhar nessa direção. Neste sentido, práticas divisionistas são desagregadoras, antidemocráticas e atentam contra interesses da categoria. Só a unidade nos permitirá avançar.

OLTA DA UNE: UMA LIÇÃO DE DEMOCRACIA

No Largo São Francisco, frente à Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, mais de cinco mil estudantes, ex-líderes estudantis, sindicalistas, deputados e membros do Comitê Brasileiro de Anistia se reuniram na noite do último dia 11 de outubro para aplaudir o momento em que Jean Marc der Weid passou a bandeira azul e branca da União Nacional dos Estudantes ao seu sucessor na presidência da entidade, o baiano Rui César Costa e Silva.

Entre a eleição de um e outro, 10 anos se passaram. Dez anos nos quais a UNE — expressão máxima das preocupações e reivindicações dos universitários brasileiros. Declarada ilegal em 1964 — sofreu as mais intensas perseguições, com a prisão, o exílio e a morte de seus líderes. Passados esses 10 anos — e mesmo diante de um novo decreto de urgência, que ameaçava com a punição dos DCEs e Diretórios Acadêmicos que partici-

passem "de qualquer entidade alheia à instituição de ensino superior" — mais de 300 mil estudantes de todo o Brasil participaram ativamente das eleições para a escolha da nova diretoria da UNE. Eleições livres, com comparecimento não obrigatório e com a ameaça de novas perseguições. E vitoriosas.

Numa alta demonstração de lição democrática, os estudantes não se deixaram intimidar pelas ameaças do Governo e organizaram um pleito praticamente sem incidentes. As provocações ficaram por conta da reação, que, em todos os Estados, procurou tumultuar o processo eleitoral, impedindo os estudantes de se manifestarem livremente.

Mas as provocações foram evitadas serenamente. Vencendo as medidas repressivas, os universitários brasileiros, através do voto direto, escolheram seus representantes entre as cinco chapas concorrentes: Mutirão, Unidade, Novação, Liberdade e Luta e Maioria. O decreto gover-

namental, lançado dois dias antes do pleito, ao contrário do intimidar os diretórios, reforçou a consciência da necessidade de se mostrar ao país que, realmente, é anti-democrático. E cerca de 1.100 diretórios se fizeram presentes às eleições, para eleger a chapa Mutirão com 110 mil votos.

No dia 4 de outubro, para saldar o ressurgimento vitorioso e forte de sua entidade, estudantes cariocas ocuparam simbolicamente, durante 20 minutos, a antiga sede da UNE, na Praia do Flamengo, que, em 64, foi invadida e incendiada pela repressão. Ali, a UNE nasceu e ali, a UNE comemorou a sua volta. Agora sob a presidência de Rui César, estudante de comunicação em Salvador, 22 anos, que, em sua proposta de trabalho, defende a união de todos os movimentos e representantes populares em favor da democracia, do ensino superior gratuito e do respeito aos anseios e necessidades da população.

Nogueira acusa: apenas paranóia ?

Repercutiram mal e mereceram o repúdio unânime da comunidade científica brasileira as recentes declarações do Presidente da Nuclebrás, embaixador Paulo Nogueira Baptista, para quem os opositores do Acordo Nuclear Brasil-Alemanha estão, em última análise, defendendo os interesses dos Estados Unidos ou da URSS.

— Era de esperar que um homem investido de elevada posição, como é o caso do Sr.

siva à comunidade científica brasileira", na opinião do Secretário-Geral da Sociedade Brasileira de Física, professor Luiz Pinguelli Rosa, do Instituto de Física da UFRJ.

Já o professor Rogério Cerqueira Leite procurou ironizar: não sabe se foi enquadrado como comunista, pelo fato de ser professor de Física da Unicamp, ou como "agente do imperialismo norte-americano", uma vez que, atualmente, também é o chefe



Nogueira Baptista, estivesse à altura de seu cargo, fazendo pronunciamentos objetivos, em lugar de lançar mão de chavões totalmente desmoralizados, justamente por seu uso abusivo — rebateu o professor Marcelo Dami.

UM "NUCLEOPATA"

Para ele, todavia, "felizmente os cientistas raciocinaram de forma diferente, porque, se fossem imitar o padrão de comportamento do embaixador Nogueira Baptista, poderiam dizer, com igual propriedade, que aqueles que defendem o Acordo Brasil-Alemanha estariam, na verdade, defendendo os interesses alemães."

— É óbvio que argumentos desse tipo não podem passar pela cabeça de pessoas responsáveis — observou o professor, que atribui as declarações do presidente da Nuclebrás à falta de argumentos. "Quando há razões técnicas e científicas para usar numa defesa, basta expô-las. Mas quando essas razões faltam, a única coisa que resta é partir para a retaliação, usando-se argumentos emocionais e políticos."

Em verdade, a acusação assacada pelo Embaixador contra os que se têm manifestado contrários ao Acordo, "é totalmente descabida e ofen-

dos editorialistas e membro do Conselho Editorial do jornal *Folha de São Paulo*.

O professor Cerqueira Leite tem chamado os responsáveis pela política nuclear do Governo brasileiro de "nucleocratas", mas agora resolveu classificar o Presidente da Nuclebrás na categoria dos "nucleopatas", porque "a paranóia do sr. Paulo Nogueira Baptista é realmente incomensurável".

REVISÃO TOTAL

Posteriormente às declarações do embaixador Nogueira Baptista, o professor Pinguelli Rosa defendeu em Brasília, junto à Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara Federal, a revisão total do Acordo, com o propósito de modificar a natureza das empresas nele envolvidas e transformar a Nuclebrás numa empresa genuinamente brasileira, de fabricação de equipamentos para geração de energia.

Também o diretor do Conselho Nacional de Pesquisa (órgão subordinado à Presidência da República), físico Oscar Sala externou à CPI Nuclear preocupações quanto ao desempenho do chamado pro-Nuclear, que "deve ser revisto criticamente, a fim de atender às suas finalidades".

MULHER E TRABALHO

Ângela Macuco

A participação da mulher na vida econômica, social e política do País requer uma profunda reflexão em cima dos problemas de desigualdades e discriminações a que são sujeitas. Algumas já começam a se questionar sobre o mito da "feminilidade" — sinônimo de alienação, submissão ao marido e dos homens, passividade

sexual, ignorância dos problemas políticos e sociais, pacifismo, impotência criativa e, logicamente, sobre as questões trabalhistas.

Pelo Censo de 1970, de 29 milhões de trabalhadores remunerados, 6,2 milhões são mulheres e estão distribuídas, principalmente, nas seguintes profissões, que são os redutos da mão-de-obra feminina:

Pregadas domésticas	32%
Trabalhadores de enxada	16%
Professoras primárias	8% (490 mil mulheres)
Trabalhadoras da indústria do vestuário	7%
Trabalhadoras têxteis	2%
Trabalhadoras não diplomadas	1,7%
Trabalhadoras	33,3%

Quanto aos salários, a situação é alarmante. A renda em que a faixa salarial feminina, a mulher vai decrescendo do mercado. Segundo pesquisa nacional, realizada pelo IBGE, por estratagem, em 1973, a participação da mulher no trabalho remunerado com até um salário mínimo era de 54,8%. A remuneração superior a 0,005% dos salários mínimos.

60% do antigo ginásio; 50% do antigo colégio; e 23% do magistério universitário — segundo dados do Ministério da Educação e Cultura, referentes a 1971-72.

O problema da participação da mulher nos cursos preparatórios para o Vestibular é específico e será analisado no próximo número da *Folha do Professor*.

HOMENS, POR QUE NÃO?

Por que o ensino primário é considerado o mais adequado às mulheres? O sociólogo Luiz Pereira, da Universidade de São Paulo, em seu livro "O Magistério Primário e a Sociedade de Classes", recolheu

alguns argumentos das próprias professoras:

"A mulher nasceu para ser mãe e a professora é uma segunda mãe"; "a mulher, na família, coopera como auxiliar e não como arrimo com seu trabalho, e o ordenado dos professores é muito baixo"; "os homens não têm a paciência e a delicadeza que a profissão exige" — e por aí vai.

São preconceitos ridículos com os quais a mulher precisa acabar. É falsa a alegação de que o homem, por sua natureza "forte", não está em condições, como uma mulher, de experimentar ternura, desejo de proteção, interesse pelos filhos que gerou e pelas crianças em geral. Este é, certamente, o fruto de um condicionamento oposto ao feminino, com base no qual a paternidade jamais é apresentada ao homem como um acontecimento importante de sua vida e que a educação das crianças seria um "negócio de mulheres".

Por isso, homens dotados das qualidades próprias para se tornarem ótimos educadores nem chegam a refletir sobre esta possibilidade. As tradições sociais e culturais pesam muito e o medo do ridículo é grande.

No mês de novembro realizaremos, juntamente com o Centro da Mulher Brasileira, um ciclo de palestras sobre o problema do Feminismo, a Mulher e o Trabalho, a Mulher e o Sindicato.

**AJUDE O SINDICATO.
ELE PRECISA DE VOCE**

OLTA DA UNE: MA LIÇÃO DE DEMOCRACIA

No Largo São Francisco, frente à Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, mais de cinco mil estudantes, ex-líderes estudantis, sindicalistas, deputados e membros do Comitê Brasileiro de Anistia se reuniram na noite do último dia 11 de outubro para aplaudir o momento em que Jean Marc der Weid passou a bandeira azul e branca da União Nacional dos Estudantes ao seu sucessor na presidência da entidade, o baiano Rui César da Silva.

Entre a eleição de um e outro, 10 anos se passaram. Dez anos nos quais a UNE — em plena expressão máxima das preocupações e reivindicações dos universitários brasileiros — decretou ilegal em 1964 — sofreu as mais intensas perseguições, com a prisão, o exílio e a morte de seus líderes. Passados esses 10 anos — e mesmo diante de um decreto de urgência, que ameaçava com a punição dos DCEs e Diretórios Acadêmicos que partici-

passem "de qualquer entidade alheia à instituição de ensino superior" — mais de 300 mil estudantes de todo o Brasil participaram ativamente das eleições para a escolha da nova diretoria da UNE. Eleições livres, com comparecimento não obrigatório e com a ameaça de novas perseguições. E vitoriosas.

Numa alta demonstração de lição democrática, os estudantes não se deixaram intimidar pelas ameaças do Governo e organizaram um pleito praticamente sem incidentes. As provocações ficaram por conta da reação, que, em todos os Estados, procurou tumultuar o processo eleitoral, impedindo os estudantes de se manifestarem livremente.

Mas as provocações foram evitadas serenamente. vencendo as medidas repressivas, os universitários brasileiros, através do voto direto, escolheram seus representantes entre as cinco chapas concorrentes: Mutirão, Unidade, Novação, Liberdade e Luta e Maioria. O decreto gover-

namental, lançado dois dias antes do pleito, ao contrário do intimidar os diretórios, reforçou a consciência da necessidade de se mostrar ao país que, realmente, é anti-democrático. E cerca de 1.100 diretórios se fizeram presentes às eleições, para eleger a chapa Mutirão com 110 mil votos.

No dia 4 de outubro, para saldar o ressurgimento vitorioso e forte de sua entidade, estudantes cariocas ocuparam simbolicamente, durante 20 minutos, a antiga sede da UNE, na Praia do Flamengo, que, em 64, foi invadida e incendiada pela repressão. Ali, a UNE nasceu e ali, a UNE comemorou a sua volta. Agora sob a presidência de Rui César, estudante de comunicação em Salvador, 22 anos, que, em sua proposta de trabalho, defende a união de todos os movimentos e representantes populares em favor da democracia, do ensino superior gratuito e do respeito aos anseios e necessidades da população.

Nogueira acusa: apenas paranóia?

Repercutiram mal e mereceram o repúdio unânime da comunidade científica brasileira as recentes declarações do Presidente da Nuclebrás, embaixador Paulo Nogueira Baptista, para quem os opositores do Acordo Nuclear Brasil-Alemanha estão, em última análise, defendendo os interesses dos Estados Unidos ou da URSS.

— Era de esperar que um homem investido de elevada posição, como é o caso do Sr.

siva à comunidade científica brasileira", na opinião do Secretário-Geral da Sociedade Brasileira de Física, professor Luiz Pinguelli Rosa, do Instituto de Física da UFRJ.

Já o professor Rogério Cerqueira Leite procurou ironizar: não sabe se foi enquadrado como comunista, pelo fato de ser professor de Física da Unicamp, ou como "agente do imperialismo norte-americano", uma vez que, atualmente, também é o chefe



Nogueira Baptista, estivesse à altura de seu cargo, fazendo pronunciamentos objetivos, em lugar de lançar mão de chavões totalmente desmoralizados, justamente por seu uso abusivo — rebateu o professor Marcelo Dami.

UM "NUCLEOPATA"

Para ele, todavia, "felizmente os cientistas raciocinaram de forma diferente, porque, se fossem imitar o padrão de comportamento do embaixador Nogueira Baptista, poderiam dizer, com igual propriedade, que aqueles que defendem o Acordo Brasil-Alemanha estariam, na verdade, defendendo os interesses alemães."

— É óbvio que argumentos desse tipo não podem passar pela cabeça de pessoas responsáveis — observou o professor, que atribui as declarações do presidente da Nuclebrás à falta de argumentos. "Quando há razões técnicas e científicas para usar numa defesa, basta expô-las. Mas quando essas razões faltam, a única coisa que resta é partir para a retaliação, usando-se argumentos emocionais e políticos."

Em verdade, a acusação assacada pelo Embaixador contra os que se têm manifestado contrários ao Acordo, "é totalmente descabida e ofen-

dos editorialistas e membro do Conselho Editorial do jornal *Folha de São Paulo*.

O professor Cerqueira Leite tem chamado os responsáveis pela política nuclear do Governo brasileiro de "nucleocratas", mas agora resolveu classificar o Presidente da Nuclebrás na categoria dos "nucleopatas", porque "a paranóia do sr. Paulo Nogueira Baptista é realmente incomensurável".

REVISÃO TOTAL

Posteriormente às declarações do embaixador Nogueira Baptista, o professor Pinguelli Rosa defendeu em Brasília, junto à Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara Federal, a revisão total do Acordo, com o propósito de modificar a natureza das empresas nele envolvidas e transformar a Nuclebrás numa empresa genuinamente brasileira, de fabricação de equipamentos para geração de energia.

Também o diretor do Conselho Nacional de Pesquisa (órgão subordinado à Presidência da República), físico Oscar Sala externou a CPI Nuclear preocupações quanto ao desempenho do chamado pro-Nuclear, que "deve ser revisto criticamente, a fim de atender às suas finalidades".

MULHER E TRABALHO

Ângela Macuco

A participação da mulher na vida econômica, social e política do País requer uma profunda reflexão em cima dos problemas de desigualdades e discriminações a que são sujeitas. Algumas já começam a se questionar o mito da "feminilidade" — sinônimo de alienação, submissão ao marido e os homens, passividade

sexual, ignorância dos problemas políticos e sociais, pacifismo, impotência criativa e, logicamente, sobre as questões trabalhistas.

Pelo Censo de 1970, de 29 milhões de trabalhadores remunerados, 6,2 milhões são mulheres e estão distribuídas, principalmente, nas seguintes profissões, que são os redutos da mão-de-obra feminina:

Prezadas domésticas	32%
Trabalhadores de enxada	16%
Professoras primárias	8% (490 mil mulheres)
Trabalhadoras da indústria do vestuário	7%
Trabalhadoras têxteis	2%
Trabalhadoras não diplomadas	1,7%
As	33,3%

Quanto aos salários, a situação é alarmante. A diferença em que a faixa salarial feminina, a mulher vai deprecando do mercado. Segundo pesquisa nacional, feita pelo IBGE, por exemplo, em 1973, a participação da mulher no trabalho remunerado com até um salário mínimo era de 54,8%. A percentual caiu para 0,005% em remuneração superiores a salários mínimos.

Apesar de ser uma das questões femininas de maior importância, também no Ensino Superior, à medida que o "prestígio" e o salário aumentam, decresce a participação da mulher, visto que ela constitui 95% do corpo

60% do antigo ginasial; 50% do antigo colegial; e 23% do magistério universitário — segundo dados do Ministério da Educação e Cultura, referentes a 1971-72.

O problema da participação da mulher nos cursos preparatórios para o Vestibular é específico e será analisado no próximo número da *Folha do Professor*.

HOMENS, POR QUE NÃO?

Por que o ensino primário é considerado o mais adequado às mulheres? O sociólogo Luiz Pereira, da Universidade de São Paulo, em seu livro "O Magistério Primário e a So-

alguns argumentos das próprias professoras:

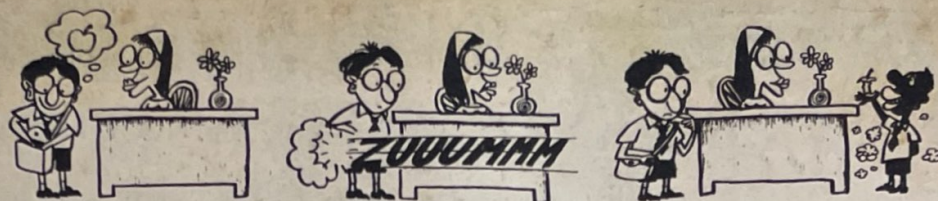
"A mulher nasceu para ser mãe e a professora é uma segunda mãe"; "a mulher, na família, coopera como auxiliar e não como arrimo com seu trabalho, e o ordenado dos professores é muito baixo"; "os homens não têm a paciência e a delicadeza que a profissão exige" — e por aí vai.

São preconceitos ridículos com os quais a mulher precisa acabar. É falsa a alegação de que o homem, por sua natureza "forte", não está em condições, como uma mulher, de experimentar ternura, desejo de proteção, interesse pelos filhos que gerou e pelas crianças em geral. Este é, certamente, o fruto de um condicionamento oposto ao feminino, com base no qual a paternidade jamais é apresentada ao homem como um acontecimento importante de sua vida e que a educação das crianças seria um "negócio de mulheres".

Por isso, homens dotados das qualidades próprias para se tornarem ótimos educadores nem chegam a refletir sobre esta possibilidade. As tradições sociais e culturais pesam muito e o medo do ridículo é grande.

No mês de novembro realizaremos, juntamente com o Centro da Mulher Brasileira, um ciclo de palestras sobre o problema do Feminismo, a Mulher e o Trabalho, a Mulher

**AJUDE O SINDICATO.
ELE PRECISA DE VOCE**



e a merenda escolar



Êi, D. MARTA!
TÁ CHEIO DE MOSCA
NO MEU ARROZ-DOCE!



JÁ QUE A SENHORA
PASSA DEVER PRA CASA,
SERA' QUE PODIA PASSAR
MERENDA PRA CASA
TAMBEM?



TE PREPARA PRA JANTAR QUE HOJE
TEM SOPA! A PROFESSORA LEVOU
A TURMA DO ZEZINHO PRA VISITAR
O MUSEU DE PALEONTOLOGIA,
OLHA AI!



...DIZ-SE T.M.ÉM
QUE DOM JOÃO VI,
DEVOR.V. MEI. DUZI-
DE FR.INGOS POR
REFEI.ÃO

A SENHORA ESTÁ
VENDO? OUTRO QUE
TEM CARÊNCIA DE
VITAMINAS
A, B e C

